

## OS “MALES DA MENTE”: o tratamento das doenças mentais entre o espiritismo e a psiquiatria na primeira metade do século xx no brasil

*Márcia Pereira da Silva*<sup>1</sup>

**RESUMO:** O texto problematiza dois discursos muito difundidos sobre os transtornos psiquiátricos e seus possíveis tratamentos na primeira metade do século XX no Brasil: o espírita e o da medicina convencional. Tomamos como referenciais, de um lado, as publicações do conhecido médico espírita Bezerra de Menezes e, de outro, o conhecimento oficialmente irradiado pelos profissionais da psiquiatria no Brasil. Ambos os discursos divergiam tanto em relação às concepções e origens da loucura quanto aos possíveis tratamentos. Analisamos como a defesa do isolamento social, trabalho, eletrochoques e lobotomia como tratamento das doenças mentais foram recomendados pela maioria dos profissionais tributários da medicina convencional e combatidos pelos espíritas, segundo suas diferentes concepções de mundo.

**Palavras-Chave:** História, Psiquiatria, Espiritismo.

**ABSTRACT:** The text questions two well-known discourses about psychiatric disorders and its possible treatments during the first half of the 20<sup>th</sup> century in Brazil: spiritist and conventional medicine. We took as a reference, on one hand, Bezerra de Menezes' publications, who is a well-known spiritist medic and, on the other hand, the knowledge officially irradiated by professionals of psychiatry in Brazil. Both discourses diverged in their conceptions and origins of madness as well as the possible treatments. We analyzed how defense of social isolation, work, electroshocks, and lobotomy, as treatments for mental illnesses, were recommended by most of legal professionals of conventional medicine and confronted by spiritists, based on their different conceptions of world.

**Keywords:** History, psychiatry, spiritism.

### Introdução

Os doentes mentais no Brasil da primeira metade do século XX, bem como indesejados sociais em geral, quando acolhidos em Instituições de tratamento espírita, viveram experiências na fronteira entre o que recomendava

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do Departamento de História e do programa de Pós-Graduação em História da faculdade de Ciências Humanas e Sociais – FCHS – Unesp – Campus de Franca.

a psiquiatria e o que defendia os preceitos espíritas. A diferenças entre a medicina convencional e a espírita suscitaram acirrados debates que chegaram, inclusive, no ambiente acadêmico.

Em maio de 2008, Artur César Isaia publicou interessante artigo que menciona uma tese apresentada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em que o autor atrevia-se a defender a abordagem espírita das doenças mentais. Nos valemos da pesquisa desse professor, tomando sua narrativa de empréstimo, embora com novas palavras porque abordamos tema correlato e acreditamos que o ocorrido naquela oportunidade oferece esclarecedora apresentação para o presente texto (ISAIA, 2008).

No ano de 1922, Brasília Marcondes Machado apresentou Tese na Faculdade carioca, intitulada “Contribuição ao estudo da Psiquiatria (Espiritismo e metapsiquismo)”, defendendo que o reconhecimento da sobrevivência da alma e da possibilidade de comunicação entre os homens e os espíritos (homens desencarnados) beneficiaria a ciência psiquiátrica em geral. O trabalho apresentava, por exemplo, a psicografia do médium português Fernando de Lacerda como prova de comunicação entre os vivos e os mortos. Explica-se: Fernando de Lacerda publicou escritos de Eça de Queiroz, Padre Antônio Vieira, Camilo Castelo Branco e Napoleão Bonaparte que teriam sido escritos por esses espíritos depois da morte através do método que os espíritas chamam de psicografia. Especialistas da época atestaram similaridades entre as grafias (ISAIA, 2008; ISAIA, 2005).

A Tese de Machado era extremamente ofensiva para os professores e catedráticos da Faculdade de Medicina, na medida em que sugeria que algumas das doenças poderiam ser perturbações oriundas da comunicação/influência dos mortos. O aluno contrapôs às observações de seus mestres às de outro médico conhecido, mas espírita: Adolpho Bezerra de Menezes Cavalcanti.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Adolpho Bezerra de Menezes Cavalcanti nasceu em 29 de agosto de 1831, cursou medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e foi redator dos “Anais Brasilienses de Medicina”, periódico publicado pela Academia Imperial de Medicina. Assumiu funções políticas na segunda metade do século XIX. Aderiu ao espiritismo e foi proeminente divulgador da doutrina espírita, elogiado pelos seus pares

O candidato Brasília Machado não recorreu à Bezerra de Menezes à toa. Menezes tinha se formado pela mesma Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi profissional, político e pesquisador respeitável até mesmo entre os seus opositores. E ele foi adepto e defensor do Espiritismo em fins do século XIX até sua morte, em abril de 1900.

Além de Bezerra de Menezes, Machado também se valeu do astrônomo e espírita francês Camille Flammarion<sup>3</sup>, sobretudo quando ele argumenta que os fenômenos psíquicos contribuem na formação das identidades individual e coletiva.

A Tese de Brasília Machado foi, obviamente, reprovada. Sobre a insistência do autor candidato em defender trabalho tão afastado das concepções aceitas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, escreveu Artur César Isaia:

Obviamente, ao opor Flammarion a Franco da Rocha; a psicologia transcendente de Bezerra de Menezes à noção organicista de doença mental praticada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a reprovação de Brasília Marcondes Machado era evidente. (...) Fica para nós o registro de uma luta solitária, quixotesca, de um homem com a ousadia suficiente para afrontar a verdade historicamente possível e sua chancela institucional (ISAIA, 2088, p. 211).

A despeito da qualidade do trabalho de Brasília, chamou-nos a atenção o fato de a oposição entre médicos organicistas/higienistas e médicos adeptos das práticas espíritas ter oficialmente chegado na nata da ciência psiquiátrica nacional. Mais do que isso, é enorme o crescimento dos espíritas desde então, sendo possível marcar sua influência, por exemplo, no discurso jurídico e no educacional.

Interessa-nos para esse texto o discurso médico-psiquiátrico, tanto o que se opôs como o que informou a crença espírita. Como estratégia de escrita, partimos da abordagem espírita (aqui analisada principalmente a partir da

---

nas últimas décadas do século XIX, chegando a ser considerado um dos principais intelectuais dessa religião até sua morte (NOBREGA FILHO, 2008).

<sup>3</sup> Camille Flammarion, ou Nicolas Camille Flammarion, nasceu em fevereiro de 1842. Ficou conhecido como cientista, astrônomo e, depois que aderiu ao espiritismo, como estudioso dos fenômenos psíquicos e mediúnicos. Foi amigo e contemporâneo de Kardec tendo proferido discursos elogiosos por ocasião do enterro do idealizador do espiritismo (CARNEIRO, 1996; GODOY, LUCENA, 1990).

publicação de Bezerra de Menezes) para, então, apresentar seu oposto, ou seja, as então concepções da medicina convencional. Não desconhecemos que entre os psiquiatras, aqui chamados de adeptos da medicina convencional, também havia discordância. Eletrochoques e isolamento social não foram tratamentos defendidos por todos.

Alguns médicos, não necessariamente tributários dos princípios do espiritismo, adotaram, por exemplo, a arte como método de tratamento alternativo às técnicas mais invasivas de combate à loucura, especialmente o eletrochoque e a lobotomia. Um dos exemplos mais emblemáticos desta realidade foi o trabalho da psiquiatra brasileira Nise da Silveira.

A rejeição aos procedimentos terapêuticos mais agressivos ao cérebro foi característica do trabalho dessa psiquiatra alagoana desde o início de sua prática médica na década de 1930. Seu trabalho, iniciado no antigo Centro Psiquiátrico Nacional, Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro e, posteriormente, na Casa das Palmeiras, instituição por ela fundada, seria considerado pioneiro e inovador quando comparado à prática médica da época em relação aos distúrbios psiquiátricos. Nesta instituição, Nise da Silveira não confinava os pacientes e utilizava animais, especialmente cães e gatos, como terapia, além da arte (FRAYZE-PEREIRA, 2003, p. 197). Quanto a esta última, ela ocupou papel tão destacado que motivou a fundação do Museu de Imagens do Inconsciente, onde eram expostas as obras dos pacientes tratados na Casa das Palmeiras. Segundo João A. Frayze-Pereira,

(...) esta instituição se constituiu desde o princípio como um núcleo de pesquisa da esquizofrenia – núcleo liderado por sua criadora que, em última análise, utilizou a expressão plástica como um meio de acesso à interioridade dos esquizofrênicos e levou ao conhecimento do grande público as obras de seus pacientes (FRAYZE-PEREIRA, 2003, p.198).

Apesar do trabalho de Nise da Silveira e de outros, deixamos claro que nesse artigo tomamos como medicina convencional o discurso dominante entre os psiquiatras brasileiros em defesa de eletrochoques e isolamento social como forma de tratamento dos males da mente.

## **Espiritismo, *status* e função social**

A história do espiritismo remonta à uma série de acontecimentos tidos como paranormais na Europa, envolvendo inexplicáveis barulhos, pancadas, “comunicações com os mortos” e o advento das mesas girantes, até que Allan Kardec formalizou o conhecimento espírita por meio da publicação da primeira obra básica<sup>4</sup>.

Allan Kardec, pseudônimo de Léon Denizard Rivail, nasceu na cidade de Lyon, França, em 03 de outubro de 1804. Ainda criança, iniciou seus estudos no então famoso Instituto Yverdon na Suíça, estabelecimento dirigido na época pelo também renomado Johann Heirinch Pestalozzi (1746-1827). Mais tarde, já no início da vida adulta, Rivail volta à França e, como era dedicado à Educação, foi o primeiro a introduzir naquele país o método pestalozziano (FERNANDES, 2008).

Portador de reconhecida vocação para estudos e docência, Rivail teve substancial ascensão social, o que lhe valeu significativa notoriedade entre os intelectuais franceses. Ele entrou em contato com os fenômenos espíritas, concluiu que ali estava uma novidade, que não se tratava de óbvia farsa, e dedicou-se ao estudo do fenômeno até que publicou a obra fundamental do espiritismo.

Assim, oficialmente, o espiritismo começou na França em 1857, com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, obra que chegou ao Brasil logo depois.

Quando aportou no Brasil e começou a ganhar adeptos, o que em pouco tempo significaria dezenas de milhares de pessoas, o espiritismo adentrou num mundo já repleto de crenças, ritos e concepções espiritualistas, que há muito advogavam a presença de espíritos e/ou entidades entre os homens. Sobre o

---

<sup>4</sup>No conjunto são cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868). Para o espiritismo também foram importantes as seguintes publicações de Allan Kardec: *O que é o Espiritismo* (1859), *O Espiritismo em sua expressão mais simples* (1861) e *Obras Póstumas* (1870).

assunto, Emerson Giumbillé (1997, p. 27) ressalta a importância dos estudos de Donald Warren Jr, para quem “(...) o principal fator da expansão do espiritismo, em suas várias vertentes, foi a prática da medicina mágica arraigada na cultura brasileira”, desde o Brasil colônia.

Com efeito, Laura de Mello e Souza, em *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*, tratou das práticas religiosas, curandeirismo e da feitiçaria no Brasil colônia. Por meio do estudo das devassas eclesiásticas, relatos de cronistas da época e de processos inquisitoriais, a autora conseguiu traçar um panorama das crenças espirituais mais populares do período colonial. Muitos concordariam com a autora quanto ao fato de que a diversidade cultural oriunda da miscigenação entre índios, portugueses e africanos ainda se faz presente nas manifestações religiosas da população brasileira.

Com o tempo, a oposição entre o espiritismo formalmente constituído e as demais práticas espiritualistas diminuíram, mas nunca desapareceram de fato.

Sobre o assunto, convém destacar que, desde o início, o Espiritismo buscou se afirmar autônomo em relação à outras religiões ou crenças que também pautam-se nas ditas relações com os mortos, como umbanda, candomblé e curandeirismos variados.

É claro que entre as várias religiões que advogam contato com os mortos há diferenças. Sobre essas diferenças várias abordagens seriam possíveis, mas chamou-nos a atenção a forma como os adeptos do espiritismo o definem enquanto ciência, religião e filosofia.

Constituído e percebido pelos próprios espíritas de forma ampla (que se pretende completa), o espiritismo mereceu discursos diferenciados ao longo do século XX.

(...) os sujeitos e práticas sociais [espíritas] enquadrados por esses discursos se situaram em espaços perpassados por problematizações elaboradas por atores e instituições sociais reconhecidas para fazê-lo: foi isso que permitiu que o espiritismo fosse feito “heresia” para um poder religioso, “fenômeno” para um poder científico, “crime” para um poder judiciário, “doença” para um poder médio, “notícia” para um poder jornalístico (GIUMBELLI, 1997, p. 35-36).

Da perspectiva da filosofia, o espiritismo abarca determinados comportamentos sociais, no sentido do bem viver e da caridade. Assim, no quesito diferenciação entre o espiritismo e as demais crenças espiritualistas merece destaque, na nossa opinião, o tipo de sociabilidade incentivada pelos escritos espíritas.

Vários estudos já se debruçaram sobre os sentidos e práticas do espiritismo em relação a sua função social. Maria Cavalcanti (2008, p. 04), por exemplo, acredita que o espiritismo defende um determinado comportamento individual, pautado na disciplina, sobriedade, caridade. O espiritismo, para a autora, assim como toda religião, é “uma matriz de produção de valores, de maneiras de pensar e de se relacionar com a realidade social mais abrangente”.

De todo modo, o espiritismo pauta-se na ideia de constante ligação entre os mundos dos desencarnados e encarnados. Essas relações têm, obviamente, desdobramentos na realidade social, sendo que um deles pode facilmente traduzir-se em perturbações mentais.

### **A comunicação com os mortos e as perturbações mentais de toda ordem**

“A Loucura Sob Novo Prisma”, livro publicado pelo médico espírita Adolfo Bezerra de Menezes, chegou ao mercado no ano de 1921. Anunciado como “estudo psíquico-fisiológico”, foi publicado pela Tipografia Bohemias e, posteriormente, reproduzido /reeditado pela Federação Espírita Brasileira.

Segundo o autor, o objetivo do livro era tratar de um tipo específico de loucura: aquela que não era causada por nenhuma lesão física cerebral, mas oriunda de perturbações da alma.

A obra atraiu a atenção da comunidade espírita, mas, em virtude da forma da escrita e do estilo argumentativo, esperava o autor leitores médicos especializados e reconhecia, já na introdução, que a simples menção daquele

assunto faria “muita gente atirar para longe o pobre livro” (MENEZES, 1939, p. 9).

Antes de tratar da abordagem de Bezerra de Menezes sobre a loucura e as relações dela com as concepções médicas oficiais, convém lembrar que toda a argumentação parte das premissas da “imortalidade da alma” e da “comunicação entre espíritos” encarnados e desencarnados.

Segundo o espiritismo, os espíritos são criados simples e ignorantes e então encarnam para sua primeira experiência corpórea. Desde então morrem (ou desencarnam) e nascem (ou reencarnam) várias vezes em diferentes corpos físicos, em nome do desenvolvimento do espírito.

Dessa perspectiva, seria o espírito a essência do ser, portador de defeitos, de vocações e de fragilidades, sendo o corpo físico simples invólucro provisório, que refletiria as qualidades e os males do primeiro.

A imortalidade da alma é um dos princípios do espiritismo<sup>5</sup>. Sendo os espíritos imortais, nada mais natural que, mesmo desencarnados, eles mantivessem a capacidade de comunicarem-se.

“O Livro dos Espíritos” é uma das “obras básicas” do espiritismo, escrita com o intuito de “guardar ou tornar públicas” as concepções da religião sobre os vários aspectos das comunicações com os mortos. No Capítulo II, aparece a seguinte afirmação:

O pensamento é um dos atributos do Espírito; a possibilidade, que eles têm, de atuar sobre a matéria, de nos impressionar os sentidos e, por conseguinte, de nos transmitir seus pensamentos, resulta, se assim nos podemos exprimir, da constituição fisiológica que lhes é própria (KARDEC, 2011a, p. 28-29).

Foi com base nesses dois princípios – da imortalidade da alma e da comunicação dos espíritos – que Bezerra de Menezes escreveu o livro sobre a loucura.

### **A loucura sob o prisma espírita**



Em “A Loucura Sob Novo Prisma”, Adolfo Bezerra de Menezes admite dois tipos de loucura, uma causada por alguma lesão cerebral e outra que não podia ser explicada pela medicina da época. Assim as diferenciou o autor:

Coincidindo a loucura ou alienação mental com qualquer estado patológico do cérebro, o fato é da mais simples compreensão. O olho do doente produz necessariamente a perturbação da visão.

A loucura, porém, ou alienação mental, coincidindo com o mais perfeito estado fisiológico do cérebro, isto, sim, não é fácil de entrar na compreensão humana. O olho perfeitamente são não se compadece com a perturbação da visão (MENEZES, 1984, p. 12).

O autor, portanto, não nega o que a comunidade científica tinha publicado sobre a loucura até aquele momento, mas afirma que há casos que não podem ser explicados como os outros. Quando não há nenhum prejuízo físico, argumenta o autor, a “alienação mental” provém da alma e da influência de terceiros.

Para provar sua teoria, tributária das concepções espíritas, Bezerra de Menezes aposta na lógica, no sentido em que escreve o livro encadeando argumentos cuidadosamente organizados.

“A Loucura Sob Novo Prisma” (1984) é dividido em três capítulos. No primeiro, Menezes trata da existência e imortalidade da alma, uma vez que para a compreensão dos capítulos seguintes era preciso estabelecer algumas premissas. Nas primeiras décadas do século XX, pareceu prudente ao autor apresentar “logicamente” as hipóteses da sobrevivência do espírito à morte do corpo físico e a maior relevância do primeiro em relação ao segundo para a existência dos homens. Explica-se: se não acreditar que o espírito é quem determina as condições da matéria (corpo físico), o leitor não poderia compartilhar da ideia de que a loucura pode ser fruto das perturbações da alma quando não há qualquer lesão cerebral.

---

<sup>5</sup> São cinco os princípios básicos do espiritismo: existência de Deus, imortalidade de alma, pluralidade das existências (ou reencarnação), pluralidade dos mundos habitados e comunicabilidade dos espíritos.

O autor chega ao final do primeiro capítulo com o intuito de ter estabelecido “ser o homem corpo e alma” e que, após a morte do primeiro, a alma sobrevive.

O segundo capítulo de “A Loucura Sob Novo Prisma” obedece ao seguinte encadeamento de ideias, com o objetivo final de estabelecer a causa da loucura quando esta não puder ser explicada por lesões cerebrais:

- Todos os espíritos criados por Deus estão fadados à perfeição;
- Todos os homens são dotados de livre-arbítrio;
- Pelo livre arbítrio os homens escolhem tomar o caminho do bem ou do mal, determinando eles mesmos o tempo que levarão para alcançar a perfeição;
- Os espíritos reencarnam quantas vezes forem necessárias para sua evolução;
- Nos intervalos das reencarnações, os espíritos voltam ao plano espiritual e, nessa condição, podem comunicar-se com os vivos;
- Os inimigos, desavenças e problemas que os homens adquirem em vida, são os mesmos que eles têm enquanto desencarnados;
- Os espíritos reencarnam e mantém vários desafetos ainda desencarnados;
- Os desafetos desencarnados podem atuar nos inimigos encarnados de modo a causar-lhes perturbações mentais;
- A obsessão é a causa da loucura sem lesão cerebral;
- A cura para o tipo de loucura causada pela obsessão é o tratamento espiritual, portanto fundamentalmente diferente das ações defendidas pela psiquiatria convencional das primeiras décadas do século XX.

Vejamos como os argumentos se desenvolvem no livro.

Depois de estabelecida a existência do espírito, argumento do primeiro capítulo, trata o autor de explicar o destino dele. Assim, o segundo capítulo tem início com a defesa de que todos os espíritos foram criados para a perfeição.

Os espíritos criados, assim, em identidade de condições intelectuais e morais, trazem consigo, latentes, todas as faculdades de que necessitarão para realizar sua transformação da ignorância nativa à mais alta sabedoria, e da inocência inconsciente à mais sublinhada virtude (MENEZES, 1984, p. 84).

O destino dos espíritos é a perfeição, mas eles não são criados perfeitos, pois cabe a cada um conquistar seu próprio desenvolvimento pelas livres escolhas que fazem em virtude do seu livre arbítrio: “Somos todos criados em estado de inocência, isto é, sem consciência do bem e do mal, faculdade que vai se desenvolvendo, à medida que vamos usando do nosso livre arbítrio” (MENEZES, 1984, p. 84).

Quando os homens escolhem o caminho do bem, afirma o autor, eles são submetidos à novas provas, cada vez mais exigentes, até que se tornem “espíritos de luz”. Quando escolhem outros caminhos, os espíritos reencarnam em diferentes provações, compreendidas como oportunidades para que retomem o caminho do aprimoramento. E assim justificam-se as várias vidas na versão espírita e também na de Bezerra de Menezes: “O que caiu no estado de vida corpórea, vem reparar a falta, no mesmo estado. É por isto que as vidas múltiplas são uma necessidade” (MENEZES, 1984, p. 94).

Nessa altura dos argumentos o autor lembra que a cada reencarnação os espíritos esquecem das vidas e experiências passadas, o que representa nova e real chance de desenvolvimento. “Assim (...) vai o espírito desenvolvendo sua perfectibilidade, vai-se aproximando do altíssimo destino humano, até chegar a DEUS” (MENEZES, 1939, p. 97).

Prossegue Bezerra de Menezes no segundo capítulo da obra que serve de fonte principal para este artigo reconhecendo que, quando desencarnam, os espíritos retornam ao plano espiritual e que, nessa condição, podem comunicar-se com os encarnados.

No decorrer de várias experiências corpóreas, os homens constituem afetos e desafetos, qualidades e defeitos que os acompanham quando desencarnados. Pela faculdade de comunicação, afirma o autor, é possível que alguém seja influenciado ou admoestado por um inimigo desencarnado que adquiriu na presente vida ou em reencarnações anteriores. É nesse momento que se estabelece a loucura não proveniente de lesões cerebrais. O argumento é assim descrito pelo próprio Bezerra de Menezes:

Todos pois, que descem á vida corpórea, têm em torno de si, por piores que sejam, Espíritos protetores e, por melhores que sejam, perseguidores, inimigos feitos no tempo de seu atraso. Conseqüentemente, em devedor de cada vivente, há uma luta constante, na qual triunfam, às vezes, os amigos, e, outras vezes, os inimigos, segundo o lado para onde pender o espírito vivente, porque seu livre arbítrio pode ser auxiliado ou embaraçado, mas nunca tolhido (MENEZES, 1984, p. 139).

Desse modo, o segundo capítulo de “A Loucura Sob Novo Prisma” termina resumindo com uma palavra a explicação sobre as causas da loucura quando paciente não apresenta lesão cerebral: obsessão.

### **Caracterização e tratamento para alguns males da mente**

Estabelecida a causa da loucura, restava à Bezerra de Menezes caracterizar a obsessão, bem como analisar de seu tratamento.

Obsessão é definida pelo espiritismo como “o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas” (KARDEC, 2011b, p. 317). Ainda para o espiritismo há três tipos gerais de obsessão: “a obsessão simples, a fascinação e a subjugação”.

Obsessão simples é definida como a capacidade de um espírito inferior sugerir ao encarnado ações não condizentes com a vida social da comunidade em que ele está inserido, de ditar falsas mensagens aos médiuns que psicografam ou de produzir ruídos tidos como inexplicáveis. De todo modo, esse é um tipo de obsessão leve em que o impostor (desencarnado) é facilmente reconhecido, sem causar grandes prejuízos.

A fascinação é o tipo de obsessão em que o espírito que a causa não é reconhecida, o que pode levar o médium a situações perigosas e comprometedoras, já que este, fascinado por sua habilidade, não reconhece o espírito obsessor em questão como uma influência ruim. Já a subjugação ocorre quando o espírito tem influência sobre as faculdades físicas do último (falar, ouvir, pensar), confundindo suas ações e fazendo crer que ela está completamente desequilibrada (KARDEC, 2011b, p. 317-326).

No capítulo terceiro de “A Loucura Sob Novo Prisma”, depois de caracterizar o problema de algumas loucuras como “vindas da alma”, advoga a necessidade de não atribuir a cura de uma loucura para a outra. A “loucura moral” ou “psicológica” é a “perturbação da faculdade anímica” (da alma), e “não do instrumento da manifestação” (o cérebro), o que exigiria a “desobsessão”.

O tratamento é objeto da escrita nas últimas páginas do livro. O autor aborda três probabilidades. A primeira antecede o tratamento: é quando um espírito encarna depois de adquirir vários inimigos, mas se arrepende sinceramente do mal que já fez em vidas passadas, buscando seguir no caminho mais correto possível. Esse esforço para o bem faz com que o mal não o alcance naquela existência, impedindo a obsessão.

O segundo e o terceiro tratamentos dizem respeito à obsessão já instalada, ou seja, a loucura propriamente dita. Um deles é quando se eleva o sentimento do obsediado, sugerindo-lhe paciência, fé e arrependimento. O outro é a ação direta com o obsessivo, evocando-o, fazendo-lhe perceber as leis divinas e o mal que ele provoca a si mesmo ao permanecer ligado ao inimigo encarnado. Em ambos os casos, parece óbvio, o tratamento não prescinde de casas espíritas e de médiuns instruídos.

Estabelecidos os tratamentos o autor encerra a obra rogando as bênçãos dos céus. Ele não prossegue, mas há consequências implícitas na teoria.

Em termos de tratamento para a loucura três coisas estavam mais ou menos estabelecidas pela medicina convencional: 1) a importância do hospício enquanto local de especialidade médica para lidar fisicamente com a loucura e a necessidade de isolamento para a recuperação do doente, bem como para a saúde da sociedade; 2) a necessidade do trabalho enquanto instrumento de recuperação mental; 3) eletrochoques e intervenções cirúrgicas na “cabeça” do paciente em casos de extrema gravidade.

Durante o império foram as Santas Casas de Misericórdia que criaram asilos para abrigo de alienados pobres, decorrente dos muitos protestos de

médicos contra a situação dos loucos no Hospital Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. A luta pela criação de hospícios era assim justificada:

(...) tal como está organizado, o hospital não cura, não possibilita o domínio da loucura. (...) No hospital, o louco não é considerado como doente, muito menos como doente específico; não recebe tratamento físico e moral condizente com a natureza de sua doença; não há repartição espacial dos doentes em espécies; não existe médico especialista, dedicado a esse tipo de doente, nem enfermeiros competentes; as condições higiênicas são completamente inadequadas (MACHADO et al., 1978, p. 423-424).

A primeira instituição exclusiva para recolhimento dos indesejados foi o Hospício de Alienados D. Pedro II, fundado no Rio de Janeiro, no ano de 1852, embora ali não tivesse ainda médicos e/ou especialistas em doenças mentais porque a psiquiatria ainda não tinha se estabelecido entre nós, brasileiros.

Outros estabelecimentos apareceram ainda no século XIX: o Hospício Provisório de São Paulo (São Paulo/1852), Hospício de Recife-Olinda (ou Da Visitação de Santa Isabel) (Pernambuco/1864), Hospício Provisório (Belém próximo ao dos Lázarus/Pará/1873), Asilo João de Deus (Salvador/Bahia/1874), Hospício São Pedro (Rio Grande do Sul/1884), Asilo dos Alienados São Vicente de Paula (Fortaleza/Ceará/1886) (MEDEIROS, 1977).

Durante o século XX as instituições foram divididas segundo sua especialidade, em consonância com o desenvolvimento de ciências médicas no Brasil (**ver quadro 1**).

**QUADRO 1 - Número de estabelecimentos da organização hospitalar, segundo a finalidade médico-social, a entidade mantedora e o ano de instalação**

**FONTE:** Anuário Estatístico do Brasil (1949), 1950, p.442. Apud: LUZ, Nadia. *Ruptura na história da psiquiatria no Brasil: espiritismo e saúde mental (1880-1970)*. Franca: Unifran, 2006, p. 69.

Estabelecimentos								
Ano de Instalação	Total	Segundo Finalidade médico-social						
		Hosp.Ge rais	Maternida- des	Para Leprosos	Doentes mentais e nervosos	Para tubercul osos	Outros civis	Para militare s
União								
1900-1930	85	-	2	-	3	-	3	77
1930-1946	89	-	2	-	3	1	9	74
Total	174	-	4	-	6	1	12	151
Estado de São Paulo								
1900-1930	78	13	3	8	14	6	21	13
1930-1946	116	27	12	22	12	18	13	12
Total	194	40	15	30	26	24	34	25
Municípios								
1900-1930	3					1	2	
1930-1946	21					-	7	
Total	24					1	9	
Particulares								
1900-1930	539	357	24	2	20	15	121	-
1930-1946	750	280	67	4	36	45	318	-
Total	1.289	637	91	6	56	60	439	-
Total								
1900-1930	705	370	29	10	37	22	147	90
1930-1946	976	319	82	26	51	64	347	87
Total	1.681	689	111	36	88	86	494	177

O isolamento precedeu os choques, as lobotomias e as leucotomias nos manicômios brasileiros, uma vez que os tratamentos físicos foram sendo desenvolvidos na medida em que a ciência psiquiátrica se estabelecia no Brasil.

Isolar o louco era preciso por motivos variados, desde retirar o enfermo da presença da familiar que certamente agravava a sua moléstia até proteger a sociedade de qualquer contágio. Havia ainda a defesa de que o isolamento fazia parte da cura daquele mal.

No livro “Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil” (1978, p. 430-447) os autores analisam como a organização dos espaços terapêuticos no hospício, a vigilância, a distribuição do tempo, a repressão, o controle, a individualização e até a violência eram aspectos do isolamento defendidos como forma privilegiada de tratamento da loucura. Tributários de Esquerol, especialista francês que escreveu sobre as benesses do isolamento para a recuperação dos alienados, os médicos brasileiros das primeiras décadas do século XX assumiram como máxima a frase de que “no hospício o que cura é o próprio hospício, é a organização do espaço e a consequente localização do indivíduo em seu interior” (MACHADO et al., 1978, p. 434).

O isolamento, defendido pela medicina tradicional naquele período, é, desde sempre, um problema para a medicina espírita. Para os espíritas, o que inclui Bezerra de Menezes, quanto mais convívio melhor. Afastar o doente da família é privá-lo do convívio com espíritos que escolheram reencarnar juntos; isolá-lo de qualquer modo é, segundo a lógica espírita, torná-lo mais suscetível aos espíritos inferiores desencarnados. Assim, os hospitais psiquiátricos e asilos espíritas, inclusive os fundados nas primeiras décadas do século XX, privavam pelo não isolamento dos indivíduos.

Mas em uma coisa os espíritas concordariam com os demais profissionais dos hospitais: é preciso ocupar o tempo, trabalhar.



Nas instituições vinculadas à medicina convencional do período, o trabalho era recomendado, mas nem sempre executado. São conhecidos os casos em que internos ficavam em completo abandono, sem nenhuma atividade produtiva e sujeitos à maus tratos de toda ordem. Mesmo assim, quando utilizado, o trabalho era pensado de forma diferente nos dois tipos de instituições.

Enquanto que nos hospícios muitos internos cuidavam apenas da limpeza, obras, refeitórios, costuras, alfaiataria, ou seja, atividades voltadas para as necessidades do próprio local, os espíritas recomendavam também a caridade, trabalho para o próximo, na certeza de que o bem sempre afastará o mal. Então, visitas de internos à outras instituições de caridade, produção de artesanatos para a venda cujo lucro se destinasse aos “menos favorecidos” foram comuns nos estabelecimentos espíritas. Contato com a arte, pintura, quadros e pequenas encenações também compuseram o universo espírita para o tratamento psiquiátrico. Convém lembrar que a arte não foi acionada unicamente pelos espíritas, conforme já mencionamos na Introdução deste artigo.

O tratamento espírita recomendado resumia-se ao convívio social, ao trabalho e à caridade e à desobsessão.

E o que o conhecimento espírita até então produzido pensava dos eletrochoques e das intervenções cirúrgicas como a lobotomia? Ora, a medicina convencional lançava mão desses procedimentos em última instância, para os casos clínicos mais graves. Para os espíritas, os casos clínicos mais graves estavam relacionados à subjugação (tipo mais grave de obsessão), à influência de desencarnados sobre os indivíduos. Nesse caso, argumentavam os espíritas, submeter o doente à quaisquer tipos de dores físicas era não só imprudente, como inútil. A dor afastaria momentaneamente o espírito invasor que retornaria, assim que o mal-estar passasse. A ideia espírita é exatamente o inverso: deixar o obsediado o mais confortável possível para que o espírito obsessivo pudesse ser evocado e, depois de educado e esclarecido, desistisse de exercer a má influência.

Enfim, para os casos em que a perturbação mental fosse fruto de alguma lesão cerebral, já avisava Bezerra de Menezes, o remédio era a família aceitar a provação dessa encarnação e cuidar do ente familiar até a sua morte. Esse compromisso, ainda segundo o espiritismo, tinha sido assumido e até mesmo pedido pelos membros da família “no plano espiritual e antes deles nascerem” para o aprimoramento moral de todos. Portanto, em nenhuma circunstância ações similares aos choques poderiam ser benéficas.

Obviamente, entre a teoria e a prática há enorme distância. Ainda são poucos os arquivos abertos e os estudos sobre o cotidiano do tratamento em hospitais espíritas. Mesmo assim, convém observar, a historiografia ainda não registrou práticas de violação ao corpo físico em instituições espíritas.

### **Fontes**

BEZERRA DE MENEZES, Adolpho. **A loucura sob novo prisma**. Estudo psíquico-fisiológico. 5 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1984.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**: princípios da Doutrina Espírita. 92 ed. Rio de Janeiro: federação espírita brasileira, 2011a.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns ou Guia dos Médiuns e dos evocadores**: espiritismo experimental. 80 ed. Rio de Janeiro: federação espírita brasileira, 2011b.

### **Referências Bibliográficas**

CARNEIRO, Víctor Ribas. **ABC do Espiritismo**. 5 ed. Curitiba (PR): Federação Espírita do Paraná, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. **Liberalismo, Radicalismo e Republicanismo nos anos 70 do século XIX**. Center for Brazilian Studies, University of Oxford, Working Paper 87. Disponível em <[www.lac\\_oxac.uk/site/sias/fices/documents/WP87 - murilo.pdf](http://www.lac_oxac.uk/site/sias/fices/documents/WP87 - murilo.pdf)>. Acesso em 14 de março de 2015.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro:

Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008. (Sciello Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>)

FRAYZE-PEREIRA, João A. **Nise da Silveira**: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. Estudos Avançados 17 (49), 2003. 197-208.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**. Uma história de condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

GODOY, Paulo Alves; LUCENA, Antônio. **Personagens do Espiritismo**. 2 ed. São Paulo: Edições FEESP, 1990.

ISAIA, Artur César. O discurso médico-psiquiátrico em defesa do Espiritismo na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro dos anos 1920. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Ano I, n. 1. Dossiê Identidades Religiosas e História, maio de 2008, pp.206-212.

Marcondes Machado e a defesa do espiritismo na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro nos anos 1920. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UNB**, v.13, n.1-2, p. 175-189, 2005.

LUZ, Nadia. **Ruptura na história da psiquiatria no Brasil**: espiritismo e saúde mental (1880-1970). Franca: Unifran, 2006.

MACHADO, Roberto (et al.). **Danação da Norma**: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978. (Biblioteca de Estudos humanos: Série Saber e Sociedade, n.3)

MEDEIROS, Tácito A. **Formação do modelo psiquiátrico no Brasil**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.

NOBREGA FILHO, Antônio. MACHADO, Humberto Mauro M. (orgs). **Vida e obra Dr. Bezerra de Menezes**. Fortaleza: INESP, 2008.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no brasil colonial. São Paulo: Cia das Letras, 1986.